

A NOÇÃO DE NATUREZA HUMANA NOS PERIÓDICOS DE SÃO JOÃO DEL-REI

José Maurício de Carvalho*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho espelha nossa convicção de que o evolucionar do discurso filosófico ocorre numa esfera precisa, no cerne de uma hierarquização valorativa, desfrutando, se não inteira independência, pelo menos autonomia dos demais componentes da cultura. A isto soma-se o reconhecimento de que a filosofia envolve a partir das questões propostas e no modo como elas relacionam-se entre si, sem desconsiderar as motivações e necessidades concretas do pensador. Esta temática proveniente da contribuição inicial de Nicolai Hartmann (1882-1950) proporciona hoje fecundos debates entre teóricos brasileiros, que, partilhando das dúvidas dela procedentes, intencionam caracterizar a singularidade das filosofias nacionais.

Empregando os pressupostos acima especificados, empenhamo-nos em distinguir o modo pelo qual o filosofar logrou realce nesta região centro-sul do Estado de Minas Gerais. A inquirição defronta-se com a tarefa de elucidar a particularidade deste pensamento, que, inscrito no bojo da temática racional, assumiu, entretanto, um modo peculiar de expressar o problema filosófico do ser humano.

O exame filosófico empreendido nesta região aventa não ser possível adentrar no núcleo do ser, sem privilegiar a discussão antropológica, sem partir de um conceito de homem capaz de explicar e explicitar as várias dimensões do existente. Vamos embrenhar nesta matéria inicialmente vinculando-a ao conjunto do saber universal para, em seguida, definir-lhe os contornos próprios.

2. A SUBJETIVIDADE E CONFRONTO COM O ABSOLUTO - A QUESTÃO DA PESSOA E DA LIBERDADE

A perspectiva transcendental propugnada por Immanuel Kant¹ (1724-1804) significou uma alternativa para a metafísica que orientou-se não mais para a estrutura permanente da realidade, mas para a elaboração de esquemas de confrontação com um mundo no qual o fenômeno prevalecia sobre a

* Prof. José Maurício de Carvalho - Departamento das Filosofias e Métodos, da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei.

1. KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, São Paulo: Nova Cultural, 3 ed., 1987.

essência. Esta nova ontologia tornou patente a radicalização de uma opção feita pela moderna filosofia cuja base havia sido arquitetada por René Descartes (1596-1650).

Na nova circunstância da história do pensamento, a indagação sobre o ser não se circunscrevia a um único miolo dinamizador, mas transfizera-se numa meditação que não mais autorizava abdicar a caracterização do sujeito e objeto como pólos epistemológicos imprescindíveis.

Na esteira do kantismo, o hegelianismo divisou, na vinculação epistêmica, uma inovadora atitude filosófica, porquanto, ainda que não rompesse com os fundamentos basilares da perspectiva transcendental, descortinou a possibilidade de relacionar os extremos epistemológicos. Estes pólos transfiguram-se em etapas de um novo método de inquirição dinâmica, apto a integrar e suprimir contradições numa cadeia sucessiva de sínteses, no interior da qual modificava-se a estrutura eidética do mundo.

Do idealismo absoluto de G.W.F. Hegel² (1770-1831) emanaram novas diretrizes ao pensamento do século XIX, o que significou um marco categórico na aproximação entre o espírito e a realidade. Avizinhando o real do racional, o hegelianismo conferiu prestígio à história subordinando-a, contudo, a uma lógica inexorável. Esta estrutura teórica evidenciou o problema da relação entre a parte e o todo, o que na ótica do hegelianismo representou restringir o valor do indivíduo em contraposição ao triunfo da razão absoluta ou da totalidade.

A problemática do pensar hegeliano reativou a questão da referência ao ilimitado que representava um meio fecundo da tradição cultural luso-brasileira. No seu cerne o realismo inteirava-se a uma concepção mística síntese que permitia a aproximação do indivíduo não apenas com a estrutura essencial dos seres, mas com o real como totalidade. Este componente cultural pré-racional tornou-se espaço propício para indagações sobre o infinito, mesmo porque o estado luso edificou-se tendo como esteio fundante a Igreja Católica. Esta situação é que explica o extraordinário sucesso da obra de Baruch Spinoza³ (1632-1674) em Portugal. Curiosamente o mesmo filósofo é um dos impulsores fundamentais do debate diligenciado pelo idealismo alemão, conforme relatou Schelling.⁴

2. HEGEL, Georg W.F. *A fenomenologia do espírito*. Trad. de Henrique C.L. Vaz e Antônio P. de Carvalho, São Paulo: Nova Cultural, 4.ed., 1988.

3. SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 4 ed., 1989.

4. SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 3 ed., 1989.

A filosofia luso-brasileira procedeu, no principiar do século XIX, da contribuição de Silvestre Pinheiro Ferreira⁵ (1769-1846), um filósofo extraordinário, que intencionava abordar a ética de modo a alicerçar uma moral subjetiva num contexto católico⁶. Concomitantemente encetou uma reflexão centrada no homem apta a ocasionar a implantação do liberalismo político no Brasil. Em Portugal, o mencionado pensador passou à posteridade como aquele que reacendeu o debate sujeito-absoluto.

Partindo de Silvestre Pinheiro Ferreira, Antônio Paim identificou o evolucionar de uma ampla discussão filosófica, centrada em três temas principais: o homem, a política e a ciência.⁷ Esses problemas se constituíram nos momentos mais representativos da filosofia brasileira. No findar do século passado o debate sobre a ciência conquistou espaço e findou por sobressair na consciência nacional. O positivismo de Augusto Comte encontrou na tradição realista herdada de Portugal e no próprio empirismo pombalino os elementos basilares sobre os quais pode progredir e garantir sua hegemonia.

Em Minas Gerais o positivismo, ainda que tivesse obtido reconhecimento, conforme relatou José Carlos Rodrigues⁸, jamais possuiu caráter hegemônico. A pesquisa nos periódicos editados em São João del-Rei, oeste do estado, no final do último século sugere que o eixo teórico mobilizador das consciências foi a justificação da subjetividade, cogitada como espaço de liberdade contraposta ao absoluto ou a qualquer ordem lógica impermeável.

Diversos pensadores, ordenados em grupos e publicando suas interrogações em periódicos, ocuparam-se em atinar uma outra solução para a interrogação eu-totalidade, pois compreendem o ente humano não só como parte do todo (da humanidade e mesmo do mundo), mas como um todo íntegro cuja singularidade patenteava a existência do único, do irrepetível, isto é, da liberdade, dimensão reconhecida e experimentada perante a experiência da morte. Nossa hipótese é que esta dimensão do pensamento de Silvestre Pinheiro Ferreira fecundou profundamente a cultura regional, ao contrário do inicialmente suposto.

O homem revela diante da vida um procedimento indagador e intenta encontrar elementos para decidir acerca de sua existência, movido por uma paixão racional e pelo desejo de justificá-la. Para Heidegger:

5. FERREIRA, Silvestre Pinheiro. *Preleções filosóficas*. São Paulo: Grijalbo/USP, 1970.

6. PAIM, Antônio. *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. São Paulo: Convívio, 2 ed., p. 37, 1985.

7. PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 3 ed., Brasília: INL, 1984.

8. RODRIGUES, José Carlos. *As idéias filosóficas e políticas em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1986.

*"A questão é carregada de historicidade, é historial, quer dizer, carrega em si um destino, nosso destino. Ainda mais: ela não é uma, ela é a questão historial de nossa existência ocidental-européia."*⁹

A problemática filosófica explicitou-se na região no trato com a totalidade, no modo como o global confrontava-se com o particular, sendo que na referência entre ambos expressava-se o fulcro mais significativo. Esta inteiração pela qual todo particular adquiria seu fundamento no ser, precisava, no sentir de autores como V. Teixeira¹⁰, contemplar a existência singular como um aspecto irreduzível da metafísica, sob pena de mergulharmos na mais profunda indistinção como seguimento da supressão completa do indivíduo.

No modo de ser concreto, a paixão humana revelava-se de maneiras múltiplas, vigorando como uma espécie de vetor pré-racional, mas encontrava na prática política uma rota fecunda para revelar-se. Nesta dimensão as necessidades humanas haveriam de mostrar-se, pois neste nível a confrontação com a realidade acontecia de modo pleno. Esta condição exprimia uma anterioridade radical cuja disposição para agir fixava o quadro das possibilidades teóricas funcionando como um condicionante existencial.

Defronte da consciência promotora dos esquemas de compreensão da realidade existia não apenas a cultura como um campo de possibilidades¹¹, mas um mundo que retinha, por sua grandeza, um elenco infinito de significações a exigir novadoras respostas e novos esquemas. A complexidade do real vigorava, para os pensadores sanjoanenses, como uma incitação que unicamente podia ser devidamente aclarada utilizando um esforço racional competente em superar as dimensões resultantes dos esquemas de entendimento do real. Por conseguinte, a política, mesmo constituindo-se numa dimensão fundamental da vida, não podia desvincular-se de uma interrogação mais genérica acerca do ser, enfim, da declaração da precedência do ser em relação às categorias humanas. O cerne desta ontologia assevera o infinito como a "negação absoluta de toda negação."¹²

O sujeito humano descobre, na morte, não exclusivamente o inevitável remate da permanência neste mundo, mas a confirmação da unicidade da vida. A vida, por sua singularidade, instigava a globalidade e impunha-lhe o reconhecimento da particularidade. A morte significava também, no pensamento

9. HEIDEGGER, Martin. *Que é isto - a filosofia*. Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

10. Cf. TEIXEIRA, V. Problemas importantes. In: *A verdade política*. Do Ano I, nº 3 de 04/10/88 até Ano I - nº 18 de 25/01/89. São João del-Rei - MG

11. CRIPPA, Adolpho. *As idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978. p. 15.

12. TEIXEIRA, V. Problemas importantes. In: *A Verdade Política*. Ano I, nº 14 - 21/12/1888, p. 2.

regional, o contrário, isto é, a efetivação de um desejo obscuro, que, num confronto dialético situado no bojo da natureza humana, contrapunha-se à afirmação da singularidade, indicando um embate do indivíduo com a totalidade. Admite-se como natural este conflito que pode conduzir a uma experiência de despersonalização, o que significaria a prevalência da globalidade como na filosofia hegeliana, mas que neste contexto teórico corroborava a subjetividade, conferindo densidade ontológica ao eu.¹³

A filosofia aqui desenvolvida representa a confirmação da individualidade, e se o contexto católico fornece um meio de expressão desta temática, garante, com a permanência da liberdade, o reconhecimento da existência humana como um projeto peculiar e não como uma subordinação ontológica a Deus.¹⁴

A consciência dos limites e possibilidades dos múltiplos esquemas suscitados pelo homem mobiliza a crítica ao positivismo, que, no seu afã de resguardar a ciência, restringiu a realidade aos dados sensíveis. A ciência, como a política, eram faces de uma presença que não se esgotava nestas manifestações, mas necessitavam ser inseridas num conjunto mais amplo de interrogações e cuja possibilidade mais completa era a pergunta pelo significado do ser.¹⁵ Afinal, o que é o ser, como me relaciono com ele e como minha existência afirma-se perante ele são as teses nucleares de um elenco de proposições possíveis.

Este caminho pessoal e existencial é a vereda de que se valem os autores especificados para arredar a admiração ingênua ou sonho dogmático. Trata-se de tomar por base trilhas pré-filosóficas existenciais, que no sentir de Gerd Bornheim:

*"transformem em um problema, não apenas a filosofia, mas a minha própria existência e o mundo que me cerca, no qual vivo, que me obriguem a adotar uma atitude interrogativa, a viver o problema do real como meu problema."*¹⁶

A consolidação da subjetividade não significava a negação do progresso humano. Este avanço estabelecia um diálogo com a totalidade histórica, tema que ganhara realce com o idealismo absoluto. No entanto, a história, tal como

13. Cf NETO, J. O cemitério. In: *A Gazeta Mineira*. Ano IV, nº 216: São João del-Rei - MG: 20/11/1887. p. 2.

14. Cf. CALEDONIO, M. Ligeiras impressões. In: *A Gazeta Mineira*. Ano X, nº 489: São João del-Rei - MG, 10/07/1893, p.1.

15. Cf. MACHADO, Antônio José da Costa. *Tribuna do povo*. Ano I, nº 7, São João del-Rei - MG: 15/03/1881. p.2.

16. BORNHEIM, Gerd A. *Introdução ao filosofar*. 8 ed. São Paulo: Globo, 1989, p. 33.

era abordada pelo pensamento regional, significava uma evolução da consciência individual conferindo à existência um caráter dramático, revelando, por um lado, tratar-se do reino das necessidades e, de outro, de opções valorativas irredutíveis a um esquema lógico de síntese dos opostos.¹⁷

Objetivando encontrar a forma de expressão da idéia, Alberto Besouchet insere no sistema o momento epistemológico no bojo do qual assume relevância o estudo da linguagem, pois se as idéias compunham uma realidade à parte, à feição cartesiana, então:

“palavra e pensamento são como que congênitos e inseparáveis, estão entre si em rigorosa e mútua dependência.”¹⁸

A avaliação de todas as proposições acima explicitadas e de outras, que o caráter sintético deste trabalho impossibilita-nos abordar, revelam o ânimo sistêmico dos autores, que, embora não constituíssem um bloco monolítico, partilhavam de pressupostos básicos. Eles participavam da exigência de envolver a reflexão procedendo de um núcleo temático estruturando uma ontologia nova, apta a afiançar as conquistas da modernidade sem se desviar ao propósito sistêmico da velha metafísica.

3. CONCLUSÃO

Ao esquadrihar minuciosamente o debate filosófico empreendido nesta região, comprovamos que os pensadores detiveram-se em entranhar-se na problemática da vinculação do indivíduo com o absoluto, aspecto já abordado na história do pensamento, mas a que o hegelianismo dera novos contornos. Insistem em que para perquirir a citada problematidade era fundamental resguardar uma concepção específica de natureza humana e de liberdade, aspectos que integravam a essência humana.

Ao originar uma reflexão defrontando-se com a questão sujeito-totalidade, os pensadores abandonaram a perspectiva transcendental com a qual o idealismo absoluto não rompera para situá-la no contexto da ótica transcendente. Deste ângulo encaram a meditação antropológica salientando o valor da liberdade. Em torno deste discurso inserem a discussão temática da tradição e sobretudo da história, que é impossível de ser desvinculada da essência humana. Esta orienta-se por uma finalidade como consequência das opções individuais. Frente à indagação sobre o ser do homem os outros

17. MACHADO, Antônio José da Costa. *Tribuna do povo*. Ano I, nº 7: São João del-Rei-MG: 15/03/1881. p. 2.

18. BESOUCHET, Alberto. *Variedades*. In: *Tribuna do povo*. Ano I - nº 8: São João del-Rei-MG: 22/05/1881. p. 3.

questionamentos acomodam-se num conjunto conexo. Semelhante postura teórica avizinha este debate filosófico com aquele empreendido em Portugal, embora distinto pelo modo como privilegia a edificação de uma antropologia versada em dois assuntos centrais, a saber, pessoa e liberdade.

De modo sumamente peculiar, os teóricos sanjoanenses encontraram nesta meditação sistêmica os fundamentos para uma teoria liberal mesclada de uma filosofia católica, cuja união íntima contribuiu para obstar neste espaço geo-humano a universalização do autoritarismo republicano decorrente no Brasil de uma filosofia de inspiração positivista.

BIBLIOGRAFIA

- BESOUCHET, Alberto. Variedades. In: *Tribuna do Povo*. Ano I, nº 8, São João del-Rei - MG - 22/05/1881.
- BORNHEIM, Gerd A. *Introdução ao filosofar*. São Paulo: Globo, 8 ed., 1989.
- CALEDÔNIO, M. Ligeiras impressões. In: *A Gazeta Mineira*. Ano X, nº 489: São João del-Rei: 10/07/1893.
- CRIPPA, Adolpho. *As idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978.
- FERREIRA, Silvestre Pinheiro. *Preleções filosóficas*. São Paulo: Grijalbo/USP, 1970.
- HEGEL, Georg W.F. *A fenomenologia do espírito*. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 4 ed., 1988.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto - a filosofia*. Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosbueger. São Paulo: Nova Cultural, 3 ed., 1989.
- MACHADO, Antônio José da Costa. *Tribuna do Povo*. Ano I - nº 7, São João del-Rei - MG, 15/03/1881.
- NETO, J. O cemitério. In: *A Gazeta Mineira*. Ano IV, nº 216, São João del-Rei - MG, 20/11/1887.
- PAIM, Antônio. *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. São Paulo: Convívio, 2 ed., 1985.

- _____. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 3 ed., Brasília: INL, 1984.
- RODRIGUES, José Carlos. *As idéias filosóficas e políticas em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1986.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 3 ed., 1989.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. - São Paulo: Nova Cultural, 4 ed., 1989.
- TEIXEIRA, V. Problemas importantes. In: *A verdade política*. Ano I - nº 18 de 25/01/89. São João del-Rei - MG
- _____. Problemas importantes. In: *A verdade política*. Ano I - nº 14, 21/12/1888.